

Japão só empresta se País acertar com FMI

O presidente do Bank of Tokyo veio conhecer a situação econômica do Brasil

O Brasil só receberá dinheiro novo do Japão se conseguir chegar a um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Nem mesmo os recursos já definidos pelo Fundo Nakasone (US\$ 1,5 bilhão) para investimento em infra-estrutura econômica serão liberados, caso o País não honre seus compromissos com o FMI. O recado foi dado ontem, em São Paulo, pelo presidente do The Bank of Tokyo, Minoru Inouye, que representa os interesses de todos os bancos asiáticos na renegociação da dívida externa brasileira. Só com os bancos japoneses o Brasil tem uma dívida de US\$ 10 bilhões, sendo 10% com o banco presidido por Inouye.

O banqueiro japonês está no Brasil para verificar pessoalmente "a verdadeira situação econômica do País". E aproveita para discutir o assunto com as autoridades brasileiras, sob o pretexto de ter vindo ao País para participar das comemorações dos 70 anos do banco no Brasil e agradecer a comenda concedida a ele no ano passado pelo governo. "Tenho a responsabilidade de analisar a realidade da economia nacional e debatê-la com as autoridades, em nome dos bancos japoneses", revela Inouye. Apesar de ter informações da "difícil e turbulenta" época que o País atravessa, ele reconhece que a crise pode ser superada.

Em sua opinião, é preciso aproveitar toda a potencialidade do País, sem desperdiçar as



César Diniz/AE

Inouye: "Vamos torcer para o Brasil superar seus problemas"

chances de receber investimentos de governos e das empresas privadas estrangeiras. Assim, ele considera importante o Brasil deixar de lado uma possível moratória, que poderia afetar bastante as relações com os bancos credores internacionais. Segundo Inouye, os bancos japoneses acompanham com atenção os passos dos ministros da área econômica. A credibilidade do Brasil está em jogo, assegura, ao lembrar que a moratória de 1987, declarada unilateralmente, contribuiu para arranhar a imagem do País.

A preocupação é com os US\$ 600 milhões que o Brasil tem de pagar em setembro, pois 17% são para bancos japoneses. Os banqueiros e o governo do Japão esperam uma definição sobre esses pagamentos e outras questões ainda pendentes para fi-

xar o volume de recursos que será investido no País. Uma prova disso é a liberação de US\$ 1,5 bilhão do Fundo Nakasone — que no Japão é chamado de plano de reciclagem do superávit comercial —, ainda indefinida. O dinheiro serviria para a reforma do porto de Santos e outros projetos de infra-estrutura já aprovados pelo governo japonês. "Há, no total, mais US\$ 35 bilhões, além dos já anunciados US\$ 30 bilhões, para investimento no Terceiro Mundo. Mas ainda não decidimos como será aplicado esse dinheiro", comenta.

Além disso, Inouye lembra que as empresas japonesas instaladas no Brasil têm planos de investir na compra de novos equipamentos, para desenvolvimento de tecnologia, mas também aguardam que o País defina o tratamento a ser dado ao capital estrangeiro. "Antes disso, não sai nada", diz o banqueiro, com cuidado. "É um desperdício o Brasil não aproveitar essa oportunidade. Ele tem grande peso na economia mundial, mas precisa pronunciar-se sobre questões importantes", reclama.

O Bank of Tokio está abrindo em Nova York uma empresa que coordenará todas as ações do banco nas conversões da dívida externa na América Latina. De acordo com Inouye, a instituição quer manter os incentivos a investimentos na região e até coloca à disposição dos clientes a estrutura do 12º maior banco do mundo. Mas ressalta que restrições impostas pelo governo brasileiro, em função da escalada inflacionária, poderão prejudicar seus planos. "Vamos torcer para que o Brasil, que tem um grande futuro, consiga superar os problemas e cresça. Queremos participar disso", completa, diplomático.

Em Brasília, mais moderação

BRASÍLIA — O tom em Brasília, onde o presidente Sarney recebeu Inouye, foi mais moderado. Embora deixando claro que se não houver acordo com o FMI o Japão não fará novos empréstimos ao Brasil, o presidente mundial do Bank of Tokyo disse que a instituição financeira não fará retaliações ao País caso este não consiga pagar em dia os juros que vencem em setembro.

"Admitimos algum tipo de atraso, desde que haja entendimentos para isso", disse o presidente do Banco o Brasil, Toshiro Tobayshi, porta-voz de Inouye. "Sentimo-nos na obrigação de preservar o sistema de Bretton Woods, que tem os seus defeitos, mas não há outra

coisa para substituí-lo. Então defendemos os entendimentos do Brasil com o FMI", acrescentou. A compreensão para com possíveis atrasos é um indicio de que a estratégia do governo de adiar os pagamentos sem interromper as negociações com os credores tem possibilidade de dar certo.

Para Inouye, o encontro com Sarney foi positivo. "O presidente está no caminho certo ao defender a continuidade dos entendimentos com os credores", comentou. Os dirigentes do Bank of Tokyo ofereceram ontem um jantar ao ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, e hoje de manhã Inouye tem audiência marcada com o ministro.